

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A CINEMATECA COM O OLHARES DO MEDITERRANEO – WOMEN'S FILM FESTIVAL

5 de novembro de 2025

NA PUTU | ON THE PATH / 2010

(“Um Outro Caminho”)

um filme de **Jasmila Zbanic**

Realização e Argumento: Jasmila Zbanic / **Assistentes de Realização:** Bruno Ankovic, Alen Drljevic, Oriana Kuncic / **Montagem:** Niki Mossbock, Nedim Alikadic / **Direção de Fotografia:** Christine A. Maier / **Direção de Arte:** Amir Vuk / **Departamento de Efeitos Visuais:** Stefan Ciupek, Florian Obrecht / **Composição:** Brano Jakubovic / **Música:** Dado Jehan / **Som:** Igor Camo, Lars Ginzler, Nirvan Imamovic, Vladan Nedeljkovic, Nemanja Novicic, Aleksandra Stojanovic, Nenad Vukadinovic / **Designer de Produção:** Maglajlic Lada / **Figurino:** Lejla Hodzic / **Maquilhagem:** Svetlana Gutic, Halid Redzebasic / **Departamento Técnico:** Adnan Brankovic, Christoph Dehmel-Osterloh, Faris Dobraca, Rainer Fritz, Gerhard Leitner, Thomas Maier / **Interpretação:** Zrinka Cvitesic, Leon Lucev, Ermin Bravo, Mirjana Karanovic, Marija Kohn, Nina Violic, Sebastian Cavazza, Jasna Beri, Izudin Bajrovic, Jasna Zalica, Luna Lozic, Vanessa Glojo, Alban Ukaj, Faik Mesic, Mirvad Kuric, Sanja Buric, Damir Kustura, Almir Kurt, Mirna Kreso, Samir Custovic, Mirsad Comaga, Ibrahim Spahic, etc.

Produção: Kiva Produkcija, Deblokada, Pandora Filmproduktion, Coop99 Filmproduktion / **Produtores:** Barbara Albert, Karl Baumgartner, Raimond Goebel, Doris Hepp, Damir Ibrahimovich, Leon Lucev, Jorg Schneider, Bruno Wagner / **Cópia:** DCP, cor, falado em bósnio, legendado em inglês e eletronicamente em português / **Duração:** 100 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca

Aviso: A projeção será realizada a partir de uma cópia de qualidade inferior à desejável. A Cinemateca pede antecipadamente desculpa por quaisquer limitações na definição da imagem.

Talvez a premissa mais interessante do filme resida no carácter simbólico - uma marca distintiva do cinema de Jasmila Žbanić - atribuído aos acontecimentos e personagens uma dimensão que transcende o realismo imediato da Bósnia contemporânea. É um país dividido entre a secularização herdada do período jugoslavo e o regresso de uma religiosidade mais ortodoxa, importada das margens do mundo árabe. Essa questão é aqui quase ilustrada.

Amar é apanhado a beber ao serviço e despedido do seu trabalho como controlador aéreo. O incidente parece, numa primeira leitura, uma simples falha disciplinar, mas dentro deste universo revela-se o ponto de inflexão da narrativa. Beber é, afinal, um ato proibido pela lei islâmica, e é precisamente essa transgressão que expõe a fratura identitária de uma

geração suspensa entre dois mundos. O álcool torna-se, assim, não um simples deslize, mas um sintoma das novas exigências de uma identidade muçulmana reavivada pelo trauma da guerra.

O foco é a relação entre Amar e Luna, mas é menos uma história de amor clássica do que um estudo sobre o modo como o trauma ou conflito coletivo se infiltram na intimidade. Luna, vista como moderna e independente, representa o corpo da Bósnia urbana e cosmopolita com o qual amar não tinha nenhum problema até ao despedimento motivar uma procura – para além de trabalho - de disciplina, pertença e uma nova forma de fé que o acaba por conduzir à aproximação com uma comunidade islâmica fundamentalista. Essa transformação, contudo, abre uma fissura óbvia entre os dois. Amar, encarna o retorno ao sagrado, o desejo de reencontrar sentido no meio das suas próprias adversidades. O despedimento acaba por servir como um despertar religioso que surge precisamente do fracasso ou da vergonha. Funciona como uma punição da infração da lei islâmica. Se o excesso se mostra castigador, Amar irá decidir-se pela contenção.

Žbanić volta aqui - após **Grbavica** - a colocar a mulher no centro do dilema ético, porque é através dela que vivemos o drama. Luna é quem observa a transformação do namorado com crescente perplexidade, e a sua resistência não constitui apenas um ato de oposição ao fanatismo, mas também uma recusa em submeter-se à vontade do marido e às normas mais opressoras do Islão – uma afirmação da autonomia da mulher. E este ponto abre espaço para um olhar sobre os trajes islâmicos, tão em voga nas últimas semanas após a aprovação de uma lei meramente performativa em Portugal, que pouco tem a ver com alheia à liberdade real das mulheres. Volta a colocar-se a habitual questão do corpo feminino como campo de batalha simbólico em guerras de valores.

Žbanić filma este processo sem caricatura, recusando o maniqueísmo fácil entre “bons” e “maus”, entre laicos e religiosos. O seu olhar é ético, mas nunca moralista. O que está em causa não é a fé em si, mas o modo como ela se converte em estrutura de poder e controlo, que aqui ganha complexidade quando se mistura com a própria atividade profissional de Amar. Como se constrói um país, ou uma relação, onde as fundações de identidade estão em crise?

Tiago Leonardo